
Entre consoantes: grafemas e fonemas no *scriptorium* do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (sécs. XIII-XVI)

Maria José Carvalho
CELGA-ILTEC

Data de recepción: 31/07/2018 | Data de aceptación: 30/11/2018

Resumo:

Na sequência de um trabalho já elaborado a propósito do modo de representación das vogais na mesma colección documental (Carvalho 2018), propomo-nos, com este artigo, descrever as grafías adotadas no *scriptorium* do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça para representar os sons consonânticos, ao longo do período medieval. O noso objetivo é decifrar indícios do “conflito” entre o esforço de estandarización e as tradicións escritas locais ou regionais, contribuindo, assim, para a elaboración da historia da ortografía na Península Ibérica. Com este estudo, baseado numa metodoloxía cuantitativa, pretende-se, portanto, mostrar tendéncias evolutivas, temporalmente delimitadas e contextualmente condicionadas, que poderán contribuir para probar que a ortografía portuguesa se constituiu diacronicamente, e que é posível delimitar a súa trajetória.

Palavras-chave:

Linguística de Corpus; Grafías medievais; Scriptoloxía; Grafemas consonânticos; Estandarización.

Sumário:

1. Introducción. 2. Análise do corpus 2.1. Grafemas que representan as oclusivas surdas 2.2. Grafemas que representan as oclusivas sonoras 2.3. Grafemas que representan as africadas e fricativas alveolares (/ts/ > /s/; /dz/ > /z/; /ʃ/ e /ʒ/) 2.4. Grafemas que representan as africadas e fricativas pré-palatais (/tʃ/ > /ʃ/ e /dʒ/ > /ʒ/) 2.5. Grafemas que representan as fricativas labiodentais surda e sonora 2.6. Grafemas que representan as consoantes nasais 2.7. Grafemas que representan as consoantes laterais 2.8. Grafemas que representan as vibrantes simples e múltipla 3. Conclusões.

Among consonants: graphemes and phonemes in the scriptorium of the monastery of Santa Maria de Alcobaca (13 - 16th centuries)

Abstract:

Following from a study of the spellings adopted in the scriptorium of the Monastery of Alcobaca to represent vowels (Carvalho 2018), the present work describes the graphemes used in these medieval documents to represent consonant sounds. We intend to reveal traces of conflict between the pressure for standardization and local or regional traditions of writing, as a contribution to the history of orthography in the Iberian Peninsula. This diachronic study, based on quantitative methods, therefore aims to show evolving trends, delimited in time and contextually conditioned, which may help to prove that Portuguese orthography was constructed over time, and that its development can be traced.

Keywords:

Corpus study; Medieval spelling; Scriptology; Consonant graphemes; Standardization.

Contents:

1. Introduction. 2. Analysis of the corpus 2.1. Graphemes representing unvoiced occlusives 2.2. Graphemes representing voiced occlusives 2.3. Graphemes representing alveolar affricates and fricatives (/ts/ > /s/; /dz/ > /z/; /ʃ/ and /ʒ/) 2.4. Graphemes representing pre-palatal affricates and fricatives (/tʃ/ > /ʃ/ and /dʒ/ > /ʒ/) 2.5. Graphemes representing voiced and unvoiced labiodental fricatives 2.6. Graphemes representing nasal consonants 2.7. Graphemes representing lateral consonants 2.8. Graphemes representing simple and multiple vibrants 3. Conclusions.

1. Introdução

Este artigo procura descrever as grafias usadas pelos tabeliães do *scriptorium* e coutos de Alcobaça para representar os fonemas de natureza consonântica do português medieval, procurando responder ao repto lançado por Celso Cunha: “Cumpro reconhecer, no entanto, que ainda há muito que lavrar neste campo, especialmente no que se refere à descrição dos sistemas ortográficos adotados nos scriptoria da Península (...)” (Cunha 1985: 79).

Quando se trata de investigar fases passadas da língua, nomeadamente medievais, convém ter presente que, ainda que a noção de “fonema” não existisse para os escribas (em termos de formalização teórica/terminológica), o recurso a essa noção é incontornável para o investigador, que deverá ter presente que «writing should be taken for what it is: a semiological system among others, closely linked with the most important among them all, the spoken language» (Catach 1986:1-2).

O *corpus* que iremos analisar (Carvalho 2017) é constituído por 153 documentos de natureza notarial, oriundos dos fundos do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (IAN/TT, 1ª e 2ª incorporações), situados entre os séculos XIII e XVI, e contém cerca de 100.255 formas.¹

Na tabela seguinte, apresenta-se a distribuição dos documentos por etapas epocais, de acordo com a sua localização geográfica (redigido no mosteiro ou nos coutos)²:

- 1 O artigo constitui uma versão, refundida, de uma secção da tese de doutoramento da autora (Carvalho 2006: 307-331). Para a localização das abonações, o documento é identificado pela data, local de redação (MA – Mosteiro de Alcobaça; Alc. – Alcobaça; Alf – Alfeizerão; TC – Torre das Colmeias; Tur – Turquel; Alv – Alvorninha; Alj – Aljubarrota; Ped – Pederneira; Mai – Maiorga) e número, dentro da coleção.
- 2 Importa lembrar as limitações a que qualquer *corpus* está sujeito, em termos de representatividade temporal: «Historical documents survive by chance, not by design, and the selection that is available is the product of an unpredictable series of historical accidents» (Labov 1994: I, 11). A questão de saber qual o critério e a metodologia para delimitar os períodos cronológicos é pertinente e fundamental para o periodizador da língua. Julgamos importante a observação de Rolf Eberenz: «La paradoja puede resolverse de dos maneras: o se dispone ya de una periodización apoyada en un gran número de hechos estructurales – en cuyo caso nuestro análisis permitirá corroborar, invalidar o relativizar este marco general –, o los esquemas cronológicos al uso son convencionales, con lo cual los resultados de nuestro trabajo serán el primer elemento fiable para una teoría de la periodización más fundada» (Eberenz 1991: 97). A delimitação temporal agora efetuada decorreu, não só do que foi possível averiguar na investigação efetuada aquando da nossa tese de mestrado (Carvalho 1996), mas também da observação das tendências gráficas e linguísticas, a partir de um levantamento exaustivo dos dados deste *corpus*, e que corroboram, no essencial, os resultados que então apresentámos. Igualmente artificial é a divisão entre “Mosteiro” e “Coutos”, em termos de critério diatópico, pois o problema da localização dos textos ultrapassa a questão

Épocas	Mosteiro de Alcobaca	Coutos	Total
1289-1350	15	21	36
1350-1380	10	6	16
1381-1425	24	8	32
1426-1450	5	15	20
1451-1485	19	5	24
1486-1565	13	12	25
Total	86	67	153

Tabela nº 1 – Distribuição dos documentos por etapas epocais, de acordo com a sua localização geográfica

Ao longo do artigo, confrontaremos, sempre que possível, a situação das grafias nos documentos por nós analisados com a que revelam os que são oriundos da primitiva região galego-portuguesa, publicados por Clarinda Maia (1997²).

Vale a pena lembrar que, numa época em que uma reduzidíssima percentagem da população tinha acesso à cultura das chamadas “elites intelectuais”, como foi a Idade Média, a reconstituição dos sistemas gráficos a partir de um *corpus* desta natureza tem mais um valor epistemológico do que real, mas a verdade é que o único processo de que dispomos para os estudar é um processo indireto, baseado na materialidade dos pergaminhos.

2. Análise do corpus

2.1. Grafemas que representam as oclusivas surdas

Apesar de o fonema oclusivo bilabial surdo surgir normalmente representado por *p*, por vezes aparece a grafia *pp*, particularmente em épocas tardias e em formas parcialmente abreviadas³. Os exemplos a seguir apresentados evidenciam o culminar dessa prática em dois documentos de 1491, escritos em Aljubarrota pela pena do mesmo tabelião⁴:

pp[ro]çedese (1491 Alj 133), *pp[ro]çedo* (1491 Alj 133), *pp[ro]çedy* (1491 Alj 133, 2 v.), *pp[ro]çdjmentos* (1491 Alj 133), *pp[ro]curador* (1490 MA 131),

do local de redação: prende-se essencialmente com problemas relativos ao *modus vivendi* do escriba (a sua naturalidade, o nível de instrução, o grau de inserção nas redes sociais, viagens, etc).

- 3 A forma *pp[ubli]co*, -a, que não citamos no nosso texto por se encontrar abreviada, é frequentíssima ao longo dos séculos XV e XVI. Como se pode verificar, na quase totalidade dos casos, *pp* vem seguido de um segmento indicativo de abreviatura.
- 4 Em alguns casos, grafias desse tipo refletem uma influência latinizante como em *app[e]laçõ* (1491 Alj 133), *app[e]llos* (1491 Alj 133), *aprouamos* (1491 Alj 133), etc.

pp[ro]piadade (1462 Mai 114), *pp[ro]p[ri]a* (1467 Mai 117), *pp[ro]testaçã* (1491 Alj 133), *pp[ro]testacõ* (1491 Alj 132), *pp[ro]testamos* (1491 Alj 133), *pp[ro]cura]çom* (1505 MA 138, 2 v.), *pp[ro]cura]dor* (1467 Mai 117, 2 v.; 1482 MA 125; 1491 Alj 132, 3 v.), *pp[ru]bycaçã* (1491 Alj 132), *pp[ru]bycado* (1491 Alj 132), *pp[ru]bycafe* (1491 Alj 132), *pp[ru]bycafe* (1491 Alj 133), *pp[ru]bycey* (1491 Alj 133), *ppoim[ẽ]to* (1332 Alc 24), *pp[ro]çedees* (1491 Alj 133), *pp[ru]bycaçõ* (1491 Alj 133), etc.

O fonema oclusivo dental surdo é normalmente representado por *t*, mas em alguns lexemas, não só de origem grega mas também com outra proveniência, é grafado com *th*:

Çafarath[os], top. (1317 Alc 16), *conthenda* (1489 MA 130), *cõthynuada mête* (1434 SC 91), *Ffçaffarath[os]*, top. (1317 Alc 16), *Matheus* (1297 Cõs 4; 1397 MA 64), *parthür* (1477 MA 121), *thelha* (1448 Alj 103), *theologija* (1484 MA 126), *thermo* (1436 Alf 93), *thefoueyro* (1300 Alj 8), *thios* (1305 Alp 11, 2 v.), *Thomas* (1527 MA 146), *Thome* (1317 Alc 16, 2 v.), *thoujo* (1448 Alj 103, 2 v.), etc.

Grafia idêntica evidenciam os participios *theudo* e seus compostos (*contheudo*, *mantheuda*) bem como as unidades lexicais *ther* (1522 MA 144, 2 v.) e *theor*, onde o *h*, não etimológico, carece de valor fônico. Segundo Clarinda Maia,

é possível que se trate de uma incorrecta colocação de *h* nas formas em que inicialmente ele surgia com clara função anti-hiática. Perdido esse valor, passaria a colocar-se depois de *t*. O carácter tardio das formas citadas parece apoiar esta explicação (1997² 428 e notas 1 e 2)⁵.

A tabela seguinte confirma esta hipótese mas aponta como etapa cronológica crucial na proliferação da grafia *th* a última vintena do século XIV e o primeiro quartel do século XV, provavelmente a época em que muitos hiatos deixaram de se verificar na oralidade⁶:

Cronologias ⁷	<i>theudo</i> e seus compostos / %	Cronologias ⁸	<i>theor</i> / %
1289-1380	21	1289-1380	27
1381-1425	84	1381-1425	60
1426-1565	54	1426-1565	56

Tabela nº 2 – Evolução da grafia *th* nas formas derivadas de *teer* (e seus compostos) e *teor*

5 A Autora cita formas do tipo: *thenor*, *thena*, *contheudas*, *conthiudo*, *conthiuda*, *conthiudas*, *thiudos*, *contheudo*, *theudo*, *theudos*, etc.

6 Ver Carvalho 2016b.

7 O leque cronológico da grafia *th* em *theudo* é 1362-1502, ao passo que a grafia *t* surge em documentos situados entre 1304 e 1541.

8 O leque cronológico da grafia *th* em *theor* é 1356-1529. Quanto a *teor*, regista-se desde 1291.

Uma outra grafia para representar o fonema oclusivo dental surdo, que não foi localizada nos documentos da região galego-portuguesa primitiva (Maia 1997²), é *tt*, que surge especialmente em documentos redigidos em Aljubarrota (dois deles do mesmo tabelião), no segundo quartel do século XV:

d[ɫ]itta (1448 Alj 103), *d[ɫ]itto* (1448 Alj 103, 2 v.), *d[ɫ]tta* (1428 Alj 86, 2 v.; 1435 Alj 92, 7 v.), *d[ɫ]tto* (1428 Alj 86, 19 v.; 1435 Alj 92, 13 v.), *d[ɫ]ttos* (1428 Alj 86; 1435 Alj 92), *eftte* (1428 Alj 86), *eftto* (1428 Alj 86), *poftto* (1428 Alj 86) e *rrotta* (1465 MA 116).

Quanto à representação do fonema oclusivo velar surdo, são vários os processos grafêmicos utilizados, sendo o mais frequente o grafema *c*; contudo, quando a vogal seguinte é *a*, outros hábitos gráficos se desenvolveram desde o século XIII, nunca chegando, todavia, a ter grande difusão. Trata-se das grafias *q* e *qu*, cujos exemplos do nosso *corpus* se apresentam a seguir⁹:

ac[er]qua (1448 Alj 103), *acerqua* (1471 MA 119), *açerqua* (1453 MA 107; 1456 MA 109; 1471 MA 119), *alquaide* (1460 MA 113), *alquaides* (1460 MA 113, 2 v.), *biqua* (1529 MA 148), *boqua* (1485 MA 128), *Çerqual* (1452 MA 106), *Çerquall* (1452 MA 106, 2 v.); *charnequa* (1502 MA 137, 2 v.), *comarqua* (1485 MA 128), *demarqua* (1541 Sal 152), *demarcação* (1541 Sal 152, 4v.), *demarquar* (1541 Sal 152, 2 v.), *eſquambairê* (1522 MA 144), *êtrinſiqua* (1490 MA 131), *exuquaçã* (1489 MA 130), *exuquaçõ* (1442 MA 98), *fiq[ua]* (1291 Alc 2), *fiqa* (1490 MA 131), *fiqua* (1527 MA 146), *fiquava* (1490 MA 131), *marcação* (1541 Sal 152), *nũq[ua]* (1291 Alc 2), *nũqa* (1532 Tur 149), *nũqua* (1484 MA 127; 1490 MA 131), *p[er]q[ua]n* (1291 Alc 2), *perq[ua]* (1495 MA 134), *perqua* (1505 MA 138), *qall* ‘cal’ (1478 MA 123), *qafas* (1343 AM 31), *qaua* (1343 AM 31), *qauos* (1343 AM 31), *Quabeça* (1541 Sal 152), *quada* (1495 MA 134; 1519 MA 142), *quall* ‘cal’ (1479 MA 124), *quafaes* (1519 MA 142), *quafas* (1509 Ped 140), *q[u]atorze* (1329 Evo 22; 1430 Cós 89, 2v.), *quatorze* (1436 Alf 93), *quauê* (1479 MA 124), *quayndo* (1479 MA 124), *quayrela* (1315 Alj 15, 2 v.), *Rafqua* (top.) (1479 MA 124), *saqado* (1291 Alc 2), *troq[ua]r* (1495 MA 134; 1500 MA 136), *troquar* (1459 MA 110; 1478 MA 122; 1478 MA 123; 1479 MA 124; 1484 MA 126; 1485 MA 128; 1489 MA 130; 1502 MA 137) e *troquarem* (1522 MA 144).

Quando a vogal seguinte é *o*, os grafemas *q* e *qu* são significativamente menos frequentes¹⁰:

9 Em alguns documentos convivem as respectivas variantes com *c*. Vejam-se, por exemplo, os documentos 1291 Alc 2 (*fiq[ua]* ~ *ficar*), 1315 Alj 15 (*q[ua]yrela* ~ *caayrela*), 1343 AM 31 (*qafas* ~ *caſſa*; *caſſas*, *caſa*, *cafas*), 1436 Alf 93 (*Vaaſquo* ~ *Vaaſco*), 1484 MA 127 (*nũqua* ~ *nũca*), 1495 MA 134 (*quada* ~ *cada*), 1509 Ped 140 (*quafas* ~ *caſas*; *caſſas*, *caſa*), 1519 MA 142 (*quafaes* ~ *caſaes* e *quada* ~ *cada*), etc.

10 Excetua-se o numeral *cinquo*/*çinqo* (e outras variantes gráficas), que nunca aparece com a grafia *c*, eventualmente por influência latina. Por outro lado, regista-se a forma onomástica, única no *corpus*,

Allquoffora (1541 Sal 152, 2 v.), *Bafq[u]o* (1434 SC 91), *Bafqo* (1434 SC 91), *brãquo* (1541 Sal 152), *marquo* (1541 Sal 152, 15 v.), *porquo* (1479 MA 124), *Uaafq[u]o* (1434 SC 91), *Uafqo* (1434 SC 91), *Vaafqo* (1436 Alf 93, 2 v.) e *Vafqo* (1522 MA 144, 2 v.).

Em ambos os casos, o documento 1541 Sal 152 é o que apresenta maior percentagem destes processos gráficos, apesar de não suplantar as variantes com *c*: para a primeira situação (*qu* seguido de *a*), a grafia *qu* representa aí 35%, enquanto que *qu* antes de *o* ocupa 50%.

Se o fonema oclusivo velar surdo é seguido de vogal anterior *e*, o processo gráfico generalizado é *qu*, mas a grafia *q* teve igualmente alguma vitalidade. Apresentam-se a seguir os exemplos registados:

alqeires (1383 Alj 53), *Anrriqe* (1346 Tur 35), *aqe[l]las* (1343 AM 31), *aqe[l]lo* (1343 AM 31), *aqello* (1343 AM 31; 1434 SC 91), *aqentedes* (1383 Alj 53), *afqeuardes* (1375 MA 48), *daqe[l]les* (1343 AM 31), *eft[er]qedes* (1383 Alj 53), *Marqes* (1532 Tur 149), *qeyra* (1343 AM 31), *quallqer* (1532 Tur 149), *rreqeçer* (1434 SC 91), *stifer]qedes* (1375 MA 48), *Truqell* (1532 Tur 149) e *uaqeyro* (1434 SC 91).

O grafema *ch* com valor de oclusiva velar surda também se encontra ao longo do período estudado, embora com pouca frequência¹¹: *chaufa* (1491 Alj 133), *marcho* (1321 Alc 17), *marchos* (1321 Alc 17) e *Pafchoa* (1356 MA 41; 1362 MA 43).

2.2. Grafemas que representam as oclusivas sonoras

No que diz respeito à representação da oclusiva bilabial sonora, ocorre habitualmente o grafema *b*¹², podendo o mesmo fonema vir representado por *bb*, quer em palavras

Pafq[u]al, com *q* seguido de semivogal velar. A grafia *c* para representar a velar surda seguida de semivogal velar também se encontra representada, particularmente a partir de finais do século XIV: *cincoëta* (1372 MA 47), *cincoenta* (1321 Alc 17; 1405 MA 70), *cicoëta* (1415 Ped 77), *cjncoëta* (1416 MA 78, 3 v.), *cjncoeta* (1429 MA 88), *çjncoëta* (1433 Ped 90, 2 v.), *porcoãto* (1448 Ped 102), etc. A mesma grafia aparece, excepcionalmente, quando a velar surda vem seguida de vogal anterior: *pp[ru]bycey* (1491 Alj 133).

11 Apresentando um quadro com os traços principais da “escrita portuguesa conservadora” (ca. 1175-1275), Ana Maria Martins refere que o dígrafo *ch* pode igualmente representar as consoantes oclusivas velares surda e sonora (Martins 2007: 168).

12 Clarinda de Azevedo Maia refere, em nota, que «o mesmo grafema surge também em final de sílaba, como grafema vazio ou mudo em formas falsamente reconstituídas de acordo com um critério etimológico: *contrabto* (...), *trabrado* (...)» (1997², 431, nota 2). É possível que se explique do mesmo modo a forma toponímica *Abgra*, top. («cabeça d’Abgra»), no documento 1515 SM 141 da nossa coleção.

cuyo étimo continha una consoante geminada, quer em outras formas. Para a primeira situación, o exemplo mais ilustrativo da variación gráfica é *abbade* ~ *abade*, pelo que apresentamos a seguir a tabela correspondente à configuración gráfica desta unidade lexical, por etapas epocais:

Cronologías	1289-1380	1381-1425	1426-1450	1451-1565
<i>abade(s)</i>	23%	10%	69%	46%
<i>abbade(s)</i>	77%	90%	31%	54%

Tabela nº 3 – Evolución do grafema etimolóxico *bb* na forma *abade*

Como se pode verificar, a forma *abbade* atinge 90% das ocorrencias entre 1381 e 1425, descendo, no segundo quartel do século XV, para 31%. A partir de meados do século XV, verifica-se nova ascensão do grafema etimolóxico *bb*, aínda que a súa frecuencia seja relativamente idéntica à da outra variante. Outros exemplos (com *bb* etimolóxico ou non) surgen con carácter esporádico, sobretudo na primeira metade do século XIV:

Alcobbaça (1326 MA 19, 3 v.; 1336 Alj 26, 3 v.; 1430 Cós 89, 4 v.), *pubblico* (1328 Alj 21), *sabbâm* (1430 Cós 89), *sabbjâm* (1352 Ped 38), *tabb[e]lliô* (1305 Alp 11, 2 v.), *tabbaliô* (1326 MA 19, 3 v.), *tabbéliô* (1336 Alj 26, 3 v.), etc.

O fonema oclusivo dental sonoro aparece representado por *d* no *corpus* en análise. Apenas un documento, redigido em Alfeizerão, evidencia a grafía alternativa *dh* para a representación deses fonema, ocorrendo sempre na mesma forma verbal: *pedhiã*, *pedhio* e *pedhir*¹³ (1436 Alf 93).

O fonema oclusivo velar sonoro /g/ aparece normalmente representado polo grafema *g*. Contudo, o grafema *gu* tamén ocorre cando a referida consoante se encontra seguida das vogais *a* e *o*. O que há de máis interesante a salientar relativamente à grafía *gu* seguida de *a* e de *o* diz respeito à súa distribución cronolóxica. Assim, a grafía *gu* antes de *a*, que se regista apenas em 21 % dos documentos agora estudados, surge pola primeira vez em 1386, onde rivaliza con as correspondentes formas con *g*: *paguas* ~ *pagas* e *guaanhar* ~ *gáánhadós* (1386 MA 55). Esta cronoloxía revela-se sugestiva, cando comparada con o seu ámbito temporal nos documentos da primitiva área galego-portuguesa, onde formas como *entreguaua* e *entregua* se documentan desde finais do século XIII¹⁴. Tais formas gráficas, interpretadas por

13 No mesmo documento encontra-se *pedirô*.

14 As mesmas grafías regista, igualmente, José de Azevedo Ferreira na *Primeyra Partida* de Afonso X, tradución que data de finais do século XIII, principios do século XIV (1980: CXL).

Clarinda Maia como ultracorretas, dever-se-ão, na nossa opinião, a uma tendência analógica exercida pelos processos gráficos usados quando a velar vem seguida de *e* e *i*. Tratou-se de um traço que (embora não muito acentuado) se registou particularmente entre 1386 e 1425 e foi travado logo depois. A título ilustrativo, refira-se que no período compreendido entre 1400 e 1430 há cinco documentos redigidos no mosteiro que apresentam *gu* como grafia exclusiva para representar a velar sonora seguida de *a*.

Relativamente coeva é a grafia *gu* seguida de *o*, que surge em apenas 13% dos documentos deste *corpus*, datando o primeiro de 1391: *Domjguos, Domj(n)guos* (1391 MA 59), não obstante a grafia *go* suplantar, em larga medida, esse processo gráfico, neste documento. É curioso constatar que, ao contrário de *gua*, a grafia *guo* é raríssima até aos últimos anos do século XV, data a partir da qual excede em muitos documentos a representação *go*¹⁵. Nos gráficos seguintes apresenta-se a distribuição temporal (e idioletoal)¹⁶ das grafias *gu* e *g* seguidas de *a* e *o*, nos documentos em que se verifica o primeiro processo gráfico, quer de forma exclusiva, quer em variação com *g*:

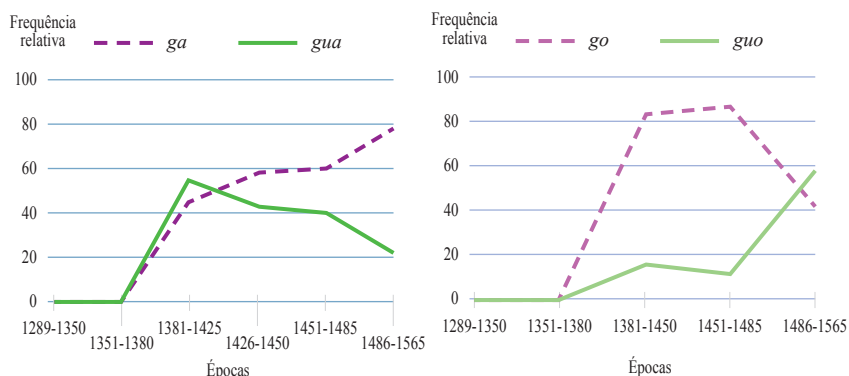


Figura nº 1 – Distribuição temporal das grafias *gua/ga* e *guo/go*, nos documentos em que existe variação

15 As abonações de *História do Galego-Português* são igualmente tardias, datando do século XV a primeira forma citada pela Autora (Maia 1997²: 437).

16 Convém lembrar que este gráfico refere-se apenas a uma amostra que representa apenas 21% do nosso *corpus*. Como já foi salientado, apenas se apresentam aqui os documentos em que se observa, quer o uso exclusivo de *gu*, quer o fenómeno de variação gráfica *gu ~ g*. Importa salientar que no gráfico da direita, respeitante à grafia *guo/go*, eliminámos o período cronológico 1426-1450, uma vez que apenas um documento apresenta uma ocorrência da grafia *guo*. Ora, tendo em conta que apenas figuram nele os documentos em que se regista esse tipo de grafia, esse período registaria para a grafia *guo* 100% das ocorrências, percentagem que não é representativa desse período cronológico.

A grafia *guo* atinge a sua expressão máxima num documento de 1536, redigido em Santa Catarina (1536 SC 150), apresentando-se a seguir as formas aí encontradas: *loguo*, 6 v., *emcarguos* (4 v.), *guouernar* (2 v.) e *ate'guora*.

Se a velar é seguida das vogais *e* ou *i*, a representação generalizada desse fonema é *g*; no entanto, a grafia *ge* encontra-se em 27% dos documentos, ao longo de todo o leque cronológico abrangido por este estudo. A grafia *gi* está representada em apenas 14% dos textos, surgindo pela primeira vez apenas no 2º quartel do século XIV. Convém salientar que ao longo de todo o leque cronológico do *corpus*, há documentos que oferecem duas grafias diferentes se a vogal é *e* ou *i*. Apresentam-se a seguir os exemplos extraídos:

Documentos	Formas
1305 Alp 11	<i>Migééz e Domiguiz</i> (2 v.)
1392 MA 60	<i>gifa, seginte, paguedes e entregue</i>
1402 Ped 68	<i>Autougia e aluquer</i>
1438 Ped 95	<i>fege, Agujar, agujom e gujffa</i> (2 v.)
1452 MA 106	<i>Figeyra, page, pagedes e gujfa</i> (4 v.)
1453 MA 107	<i>Mjgeell, Figeneiro, pagedes, page, gujffa, gujfa</i> (2 v.), <i>fregujffya, seguytes</i>
1528 MA 147	<i>seginte, segintes e pague</i>

Tabela nº 4 – Apresentação das formas existentes nos documentos que evidenciam duas grafias diferentes (*g* e *gu*), consoante o grafema vocálico

Revela-se interessante constatar que, apesar de não se detetarem curvas evolutivas significativas na distribuição temporal de ambas as grafias (*ge* e *gi*), há indícios de que o período compreendido entre 1430 e 1450 foi aquele em que ambas tiveram simultaneamente maior profusão. Assim, *ge* ocupa, nos documentos em que surge durante esse período, 79% das ocorrências (em relação a *gue*), e *gi* ocupa aproximadamente a mesma percentagem, ou seja, 76% (relativamente a *gui*). Para este fenómeno deverá contribuir o facto de a quase totalidade dos documentos desse período ser redigida nos coutos, zonas periféricas ao mosteiro. É, mais uma vez, um documento de Alvorninha, escrito em 1450, que se apresenta como exemplar genuíno deste afastamento gráfico relativamente aos parâmetros vigentes no *scriptorium* alcobacense. Nesse documento (1450 Alv 104), registam-se, de modo exclusivo, 6 ocorrências de *ge* e 4 de *gi*, que se apresentam a seguir: *agyã, Ffygeira, gysfa, gyjffa* (2 v.), *Mjgel* (2 v.), *page, pagedes e pagem*.

Um facto que merece algumas considerações diz respeito ao prestígio que angariaram as grafias *gua*, *guo*, *gi* e *ge*. Os exemplos do nosso *corpus*, apesar de não muito

numerosos, deixam supor que a grafia *gua* foi desde cedo travada por uma reação culta, ao passo que a grafia *guo*, um pouco menos célere, começou a acentuar-se a partir dos últimos anos do século XV, tendo-se eventualmente prolongado para além de meados do século XVI, época que fica fora do âmbito cronológico deste estudo. Quanto a *ge* e *gi*, não há indícios de terem sido alvo de qualquer valoração por parte deste centro cultural.

2.3. Grafemas que representam as africadas e fricativas alveolares (/ts/ > /s/; /dz/ > /z/; /ʃ/ e /ʒ/)¹⁷

Ao contrário do que se verifica nos textos galego-portugueses do século XIII, o grafema *z* para representar a africada (ou fricativa) dorso-alveolar surda apenas surge de modo completamente isolado nesta coleção de documentos do *scriptorium* alcobacense. Referimo-nos às formas *offizio* (1307 Alp 13) e *ofizio* (1328 Alj 21), localizadas já no século XIV, em documentos de periferia. Assim, o processo gráfico generalizado para representar o fonema africado (fricativo, a partir de certa altura) dorso-alveolar surdo é *c* ou *ç*, aquele utilizado igualmente quando seguido de vogal central e posterior¹⁸, este último também frequentemente empregue quando o fonema é seguido de vogal anterior¹⁹. Apresentam-se alguns exemplos que evidenciam o uso de *ç* seguido de *e* ou *i*:

acõteçer (1375 MA 48), *açyma* (1541 Sal 152), *Braçelos* (1528 MA 147), *çimquo* (1565 Alc 153, 2 v.), *çिताçõ* (1328 Alj 21, 2 v.), *conçelho* (1289 MA 1, 2 v.), *çytados* (1502 MA 137), *gradeçja* (1402 MA 67), *mãçebo* (1343 AM 31), *merçee* (1472 TC 120), *naçim[en]to* (1443 Alf 99), *offiçios* (1351 Alv 37), *quatroçentos* (1444 Alv 100), *rreçebondo* (1426 MA 85), etc.

17 Uma análise exaustiva dos indícios gráficos da perda da oposição fonológica entre fonemas apicais e dorsais (em proveito das dorsais, no caso do português) e consequente processo de simplificação do sistema de sibilantes pode encontrar-se em trabalho anterior da Autora, baseado também neste *corpus* (Carvalho 2011). Consulte-se, igualmente, Carreira 2003: 141-142. Analisando o fenómeno de mudança a nível das sibilantes do português, com base em documentos do Noroeste e da região de Lisboa, editados por Ana Maria Martins, Carreira conclui que os casos de instabilidade gráfica diminuem ao longo do século XV, admitindo a hipótese de este facto se dever à redução do número de documentos analisados referentes a esse século.

18 Ao contrário do procedimento usado por Maia (1997²), na nossa transcrição não acrescentámos a cedilha ao *c*, nesse contexto.

19 O mesmo se regista na língua literária galega trecentista, de acordo com os testemunhos da *Crónica de Castela*. Segundo Barbosa, «/s/ representa-se por *c*, as mais das vezes cedilhado, mesmo antes de *e i*» (1958, I, 35). O mesmo fenómeno foi observado por Ramón Lorenzo (1975: XXXV), na mesma tradução da *Crónica de Castela*, e por Souto Cabo, numa coleção de documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII (2008: 19, n. 24).

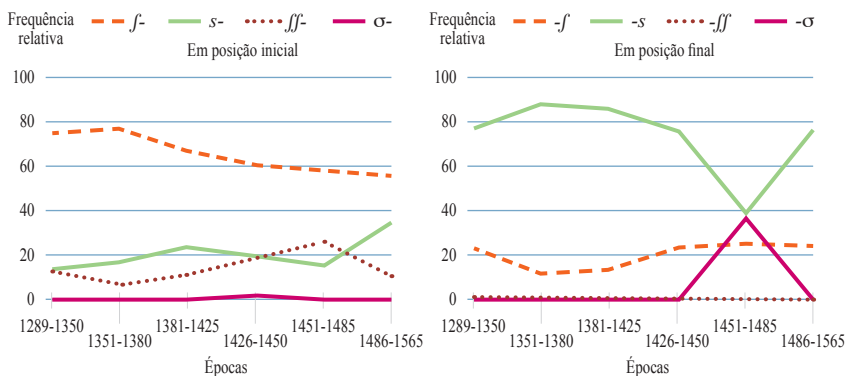
As formas seguintes ilustram os casos em que o grafema *c* vem seguido de *a* ou *o*:

Alcobaca (1399 MA 65), *apeegacō* (1315 Alj 15), *arcadiago* (1478 MA 122), *cabeca* (1345 MA 33), *comecaredes* (1452 MA 106), *cortyco* (1541 Sal 152), *faco* (1565 Alc 153), *Gõcaluez* (1375 MA 48), *jurdycam* (1496 Sal 135), *Lancarote* (1526 Ped 145, 3 v.), *louca* (1425 MA 84), *obrigacooes* (1453 MA 107), *preco* (1527 MA 146), *renücamos* (1304 Alc 10), etc.

Cumprе salientar que, desde finais do século XIII até meados do século XVI, em cerca de duas dezenas de casos, os grafemas *ç* e *c* encontram-se substituídos por *j*, *ff* e *s*, conforme mostrámos na tabela apresentada em trabalho de 2011 (Carvalho 2011: 143).

Quanto à representação gráfica do fonema africado (fricativo, a partir de certo momento) predorso-alveolar sonoro, os textos apresentam *z* (à semelhança do que acontece atualmente), à exceção de alguns casos verificados sobretudo em documentos posteriores à segunda metade do século XV (*Marques, Marqes, rrais, tras* ‘traz’) cuja confusão de grafemas constitui um indício de uma mudança linguística²⁰ (Carvalho 2011: 143). Desses casos, destaca-se a forma antroponímica *Beatrix* (1362 MA 43), uma vez que o grafema *x*, para além de revelar a neutralização da oposição fonológica entre fricativa dorso-alveolar e ápico-alveolar em final de sílaba ou palavra, constitui evidência inequívoca da pronúncia palatal de *-z* em posição posvocálica, já num documento trecentista.

Analiseemos, de seguida, os processos gráficos utilizados para a representação dos fonemas sibilantes ápico-alveolares, bem como a sua frequência por épocas:



20 O mesmo tipo de equivalência *-s/z-* (*prez/pres*) verificou Ramón Lorenzo, na tradução galega da *Crónica General* e da *Crónica de Castela* (1975: XXXV, § 7.2).

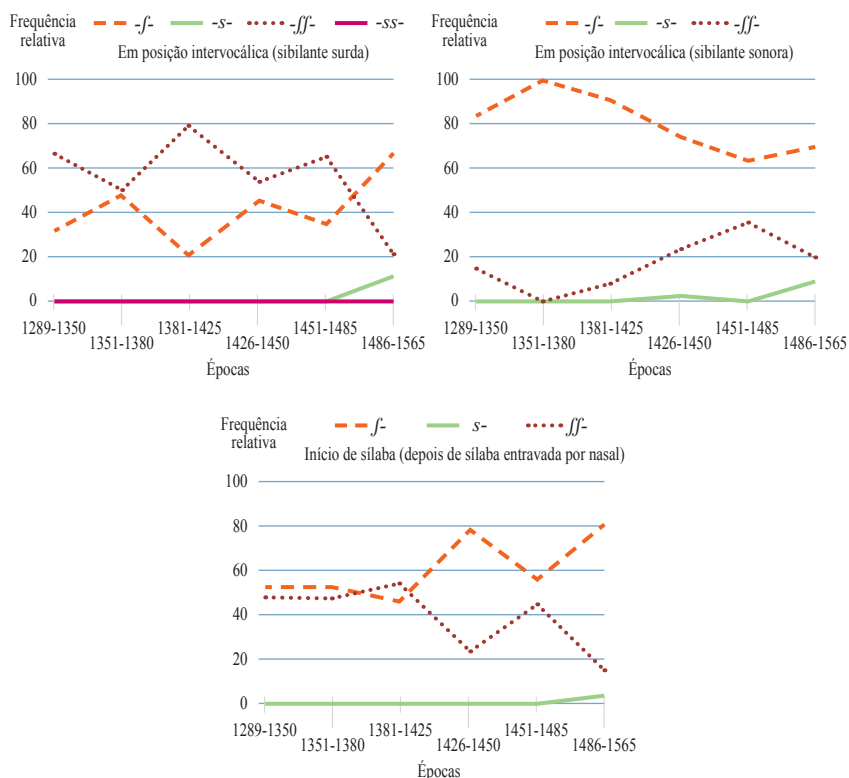


Figura nº 2 - Evolución das tendencias na representación gráfica das sibilantes áptico-alveolares

Como é sabido, durante todo o período medieval, *s* podía presentar dúas formas: *f* alto e *s* com dupla curva. O único documento do *corpus* que substituí definitivamente *f* alto por *s* é o de 1565, ou seja, o último desta colección.

Em posición inicial de palabra, pode ocorrer *f-*, *s-*, *ff-* e *σ-*, sendo a primeira variante gráfica a mais frecuente, seguida, por ordem decrescente, de *s-*, *ff-* e *σ-* (em nomes propios aparece *S-*). A grafía *ff-*, surgida, segundo Williams (1962: § 30), para indicar que se trata de consoante surda (devido à consciéncia existente de que em posición intervocálica a variante simple correspondía à sonora), atinge os valores mais elevados no terceiro quartel do século XV, mas está longe de ultrapassar o grafema *ff-*.

Um caso único mas extremamente interessante é o que patenteia a forma *xi* ‘se’, que exhibe o grafema *x* por *s* em posição inicial²¹: «E dife o *dicto* procurador *que* fe temya de lhy morer a *dicta* testemuña ou de *xi* lhy tolher o fífo ou a fñala» (1336 Alj 26). De acordo com Ramón Lorenzo, esta forma (por vezes, na variante *xe*)

debe nacer de la combinación de SE con O/A (*seo/sea > sio/sia > xo/xa*) y con propagación *xe/xi*; menos probable es que se trate de una evolución propia de la *s* inicial, como se lee frecuentemente en autores ports., que consideran *xe* típico del gall (Lorenzo 1977: s. u. *xe, xi*)²².

Já a entrar silaba (interior ou final de palabra), concorrem as variantes *-f*, *-s*, *-ff*, *-σ* e *-x*²³. Contrariamente ao que se verifica no *corpus* da primitiva área galego-portuguesa, *s* é, de longe, a representación mais frecuente, ocorrendo normalmente em final de palabra (a variante *σ* apenas se regista no terceiro quartel do século XV). O processo gráfico *-f* ocorre, sobretudo, em posição interior, ainda que na fase mais antiga (finais do século XIII, primeiros anos do século XIV) se verifique quer em posição interior quer final. A variante geminada encontra-se pouco representada, devendo constituir uma tendência característica dos tabeliães de origem periférica, uma vez que atinge os valores mais elevados nos documentos 1428 Alj 86 e 1450 Alv 104, redigidos nessas áreas geográficas (Aljubarrota e Alvorninha). Apresentam-se a seguir os exemplos registados:

deffcauar (1450 Alv 104), *deffpeffas* (1450 Alv 104), *effcãbhar* (1450 Alv 104), *effcãpados* (1450 Alv 104), *effpedaçar* (1450 Alv 104), *efftando* (1428 Alj 86), *efftromo* (1428 Alj 86, 3 v.), *Ljffboa*²⁴ (1428 Alj 86), *poftito* (1428 Alj 86), *Vaffco* (1450 Alv 104, 3 v.) e *Vaffquez* (1450 Alv 104, 3 v.).

O grafema *x* surge, de modo muito esporádico, quer no fim de palabra, revelando uma clara influência da grafia latina:

dezelex (1391 MA 59), *lex* (1426 MA 85; 1429 MA 88; 1438 Ped 95; 1460 MA 113; 1495 MA 134 e 1519 MA 142), *rrex* (1515 SM 141) e *fex* (1298 Alc 6; 1328 Alj 21; 1388 MA 57),

quer no seu interior, como nos seguintes exemplos:

Lixboa (1402 MA 67; 1408 MA 71; 1426 MA 85; 1438 Ped 95; 1453 MA 107; 1478 MA 122, 5 v.; 1478 MA 123; 1479 MA 124; 1482 MA 125; 1490 MA 131; 1500 MA 136; 1502 MA 137; 1507 MA 139 e 1526 Ped 145), *Lixbõa* (1338 Alv 28; 1399 MA 65, 2 v. e 1453 MA 107) e *Ljxboa* (1435 Alj 92).

21 Como se trata de um caso isolado, esta grafia não consta do gráfico apresentado.

22 Veja-se a quantidade de abonações apresentada pelo Autor, nomeadamente nas *Cantigas de Santa Maria*.

23 Optámos por indicar as formas no nosso texto, razão pela qual esta última grafia não consta do gráfico.

24 Trata-se da única variante gráfica desta forma toponímica que apresenta *ff* e não *x*, em posição implosiva.

A dúvida quanto ao valor fónico deste grafema, já colocada por Clarinda Maia, depara-se-nos igualmente perante esta coleção documental: «O -s implosivo realizar-se-ia como alveolar ou como palatal?» (1997²: 461) Na pista da Autora, parece-nos igualmente que das formas gráficas apontadas só *Lixboa* (e variantes gráficas) é totalmente segura, uma vez que *fex*, *lex* e *rex* poderão constituir latinismos gráficos. De facto, a forma apontada, que teria originariamente -ss-²⁵ deixa antever, assim, uma pronúncia palatal dessa sibilante em posição posvocálica.

Os dados aduzidos de *x* por *s* ou por *z* (em posição implosiva), remontando no nosso *corpus* a 1338 (cf. *Lixbða*) e 1362, respectivamente (cf. *Beatrix*), permitem, assim, corroborar a hipótese já defendida por Thomas Hart, segundo o qual «the spelling *x*, that is [ʃ], for syllable-final *s* occurs fairly often in our Old Portuguese manuscripts» (Apud Maia 1997²: 463 e nota 4), e por Clarinda Maia que, fazendo recuar essa pronúncia ao século XIII, afirma que

as grafías galego-portuguesas atrás apontadas parecen autorizar-nos a formular a hipótese de que já então estava em incubação a substituição da pronúncia alveolar pela palatal que viria a triunfar no portugués e que deixaria também alguns vestígios, mais ou menos isolados, na Galiza (1997²: 464)²⁶.

Quanto à posição intervocálica, as tendências gerais na representação da sibilante surda e sonora são -ʃʃ- e -f-, respectivamente, apesar de esta distinção não ser integralmente observada²⁷. Assim, a frequência de -f- para representar a sibilante surda nesse contexto aumenta em períodos em que se verifica um maior relaxamento dos tabeliões relativamente à observação dos usos gráficos em vigor, chegando a ultrapassar -ʃʃ- a partir dos últimos anos do século XV. Quanto à representação da sonora, verifica-se uma ligeira progressão de -ʃʃ- por -f- no terceiro quartel do século XV, o que parece contrariar a tendência uniformizadora verificada nesse período relativamente a outros aspetos gráficos. Por outro lado, o grafema *s* conhece uma ligeira ascensão, a partir de 1485, quer na representação da sibilante surda quer na da sonora. Cremos que os indícios da falta de pressão exercida por modelos gráficos verificada no *scriptorium* de Alcobaça a partir de 1485 se refletem, particularmente, na representação da sibilante

25 O nosso *corpus* apresenta a forma única *Ljffþboa* (1428 Alj 86), que parece evidenciar uma eventual pronúncia alveolar.

26 Silvío Elía crê, por outro lado, que «a passagem da pronúncia sibilante para chiante se deu, presumivelmente, em Portugal na 2ª metade do séc. XVII» (1981: 217).

27 De acordo com Ramón Lorenzo, a propósito da tradução galega da *Crónica General* e da *Crónica de Castilla*, «Muy digna de tener en cuenta es la total confusión de -s-/-ss- intervocálicas. El manuscrito, como es normal en los textos gallegos, no distingue -ss- y -s-. Ello indica que la diferencia sorda/sonora debía estar casi perdida por estas fechas en territorio galego, cosa no ocurrida en portugués» (Lorenzo 1975: XXXIV). Para uma explicação clara e sucinta do processo de evolução do sistema de sibilantes no galego, veja-se Lorenzo 1987: § 7.

surda. Por outro lado, se compararmos a curva evolutiva de *-ff-* para representar a sibilante sonora com a da mesma representação gráfica da sibilante em posição inicial, concluímos que têm aproximadamente o mesmo percurso, com uma ligeira ascensão no terceiro quartel do século XV. Tendo em conta a hipótese de Williams (1962: § 30), que vê na grafia *ff-* em posição inicial uma forma de indicar a surdez da sibilante (uma vez que era essa a representação da surda em posição intervocálica), causa estranheza ser igualmente o mesmo grafema que progride na mesma época para a representação da sibilante sonora. A dúvida que se coloca é a seguinte: estarão estas duas soluções relacionadas com uma hiper-correção gráfica perante a formação da consciência da distinção na representação da sibilante surda e sonora? É possível que a consciência de que *f* em posição inicial e intervocálica correspondia a duas unidades fónicas distintas fizesse nascer a grafia *ff-* em posição inicial, que, por um hábito mecânico e inconsciente, foi transposta igualmente para a posição intervocálica.

Destas constatações, assim como das conclusões já expostas anteriormente relativamente à representação dos fonemas vocálicos, parece poder inferir-se que o período compreendido entre 1451 e 1485 se caracterizou pela consolidação de uma consciência gráfica (que pode ser acompanhada de hiper-correções) no sentido de uma seleção de variantes.

De uma maneira geral, há uma distinção clara entre a representação gráfica das sibilantes predorso-alveolares e apicais. Contudo, é possível observar, desde os finais do século XIII, algumas confusões gráficas ao nível da representação das africadas (ou fricativas) dorso-alveolares, e a nível das fricativas apicais (surdas e sonoras). Estas confusões gráficas denunciam, eventualmente, a falta de controlo perante um processo de neutralização fonológica em curso, ou seja, a perda do carácter africado das dorso-alveolares e consequente confusão destas com as fricativas apicais. Assim, ao nível das surdas, registámos 18 ocorrências de *c*, *ç* por *ff*, *f* e *s* (incluindo *çarrar* e derivados, a partir de 1380), ao longo do leque cronológico abrangido pelo presente estudo, ao passo que, a nível das sonoras, foram encontradas 24 abonações (Carvalho 2011: 144). De um modo geral, aumentam substancialmente as confusões gráficas a partir de meados do século XV.

2.4. Grafemas que representam as africadas e fricativas prepalatais (/tʃ/ > /ʃ/ e /dʒ/ > /ʒ/)

No *corpus* em análise, não se encontra qualquer indício de confusão relacionada com a perda do carácter africado da palatal surda²⁸. De facto, o processo gráfico

28 Segundo Adalina Angélica Pinto, «pelo menos no séc. XV, início da colonização portuguesa, já um norte, onde a distinção entre *ç* e *ʃ* se mantinha, se opunha a um sul, em que ela se perdera»

habitual para representar /tʃ/ é *ch*, não existindo evidência de outro tipo de grafia: *chamã* (1289 MA 1), *chãoo* (1505 MA 138), *chãtarõ* (1329 Evo 22), *chega[r]* (1336 Alj 26), etc.

No que concerne a africada ou fricativa pré-palatal sonora (/dʒ/ ou /ʒ/) são vários os grafemas usados na sua representação, grande parte deles comuns aos documentos da área galego-portuguesa. Não obstante surgir de forma completamente isolada, um exemplo interessantíssimo que o nosso *corpus* evidencia é a representação por *dg* da africada pré-palatal sonora /dʒ/, que ocorre num documento de finais do século XIV: *dgeeral* (1386 MA 55). Foi usada pelo tabelião «Gonçalo fleuêez, tabeliõ dgeeral ã o dicto mom. 7 couto del». Este exemplo é, contudo, suficiente para evidenciar a coexistência de pronúncias variantes para o mesmo fonema (pronúncia africada e fricativa), em finais do século XIV²⁹.

O grafema mais usado nesta coleção é *j*, seguindo-se-lhe *i*, que desaparece a partir do final do primeiro quartel do século XV, dando origem à ascensão de *j*, que se mantém estável e praticamente exclusivo a partir de 1450. Vale a pena observarmos o ritmo evolutivo desta substituição de *i* por *j*:

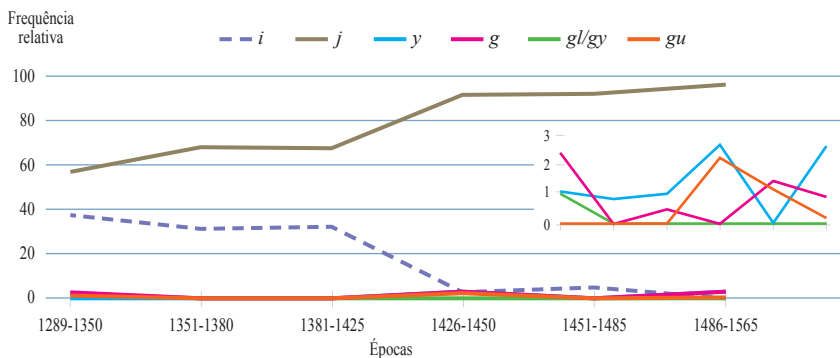


Figura nº 3 – Evolução das tendências nas representações gráficas da fricativa prepalatal sonora

(1980/1981: 190). Por outro lado, a Autora não deixa de advertir: «Quanto à grafia, só o estudo de textos não literários e localizados no sul (de que aliás se encontram poucos publicados) poderá revelar se a confusão entre *x* e *ch* se manifestou como na pronúncia. Mas a sua ausência, a verificar-se, poderá em parte justificar-se pela forte tradição ortográfica imposta pela norma culta, que sempre preconizou a distinção etimológica revelada pelos dois grafemas, e também por essa confusão ser considerada plebeia» (1980/1981: 189).

29 Este exemplo ilustra o que se afirma Clarinda Maia: «Não pode também pôr-se de parte a possibilidade de que, embora pelo menos desde o século XIII, a africada se tenha transformado em fricativa, [ʒ] e [g̃] tenham coexistido durante muito tempo como variantes do mesmo fonema» (1997²: 503, nota 3).

Importa mencionar que os grafemas, de frecuencia rara, *y, g, gi/gy* e *gu* nunca ocorrem de modo exclusivo nos documentos onde figuram, mas conviven sistematicamente com os procesos gráficos dominantes *i e/ou j*. Assim, os grafemas compostos *gi* e *gy* surgen apenas no primeiro documento desta colección: *grangia* e *grãgya*, 2 v. (1289 MA 1), non tendo continuidade a partir dessa data.

De modo esporádico, surge o grafema *g*, non só no século XIII, mas aínda no século XV:

eygrega (1297 Cós 4) e *Alguba Rota* (1421 Evo 80, 2 v.).

É un pouco máis tardía a grafía *gu*, surgindo maioritariamente en documentos oriundos de Aljubarrota, un couto de periferia:

*coreguendo*³⁰ (1448 Alj 103), *coreguda* (1448 Alj 103, 3 v.), *cofrãguymêto* (1462 Alj 115), *Jorgue* (1462 Alj 115, 2 v.), *leguytymas* (1462 Alj 115) e *mongue* (1448 Alj 103).

O grafema *y* é un pouco máis frecuente neste *corpus* alcobacense. O elevado número de ocorrencias en textos redigidos en coutos como Cós, Alvorninha e Aljubarrota, particularmente nos documentos quatrocentistas 1450 Alv 104, 1491 Alj 132 e 1491 Alj 133, de acentuado cariz arcaizante, falan a favor de un hábito gráfico de orixe periférica:

aya (1297 Cós 4), *ayades* (1450 Alv 104, 2 v.), *eg[re]ya* (1414 Alv 76), *egreya* (1450 Alv 104; 1491 Alj 132, 4 v.; 1491 Alj 133, 5 v.), *Granya* (1414 Alv 76), *granya* (1450 Alv 104), *seya* (1450 Alv 104), *feya* (1297 Cós 49; 1491 Alj 132), *ffevã* (1450 Alv 104), *Tevo* (1326 MA 19), *yaz* (1355 Cel 40) e *ygreya* (1491 Alj 133).

Resta referir que, a partir de 1450, o emprego de *j* xeneralizou-se a contextos em que a palatal vem seguida de *e*. A distribución das variantes *monge(s)/ monjes* ao longo dos tempos exemplifica essa xeneralización³¹:

Cronologias	<i>mōge(s); monge</i>	<i>mōje(s); mōjees; mōjeo</i>
1289-1380	91%	9%
1381-1450	67%	33%
A partir de 1450	4%	96%

Tabela nº 5 – Evolución das tendencias na representación gráfica da forma *monge*

30 Nos verbos latinos com radical acabado em [g] (med. *coreger*, *constranger*), houve resultados divergentes ([ʒer] e [ger]). Esta dupla conjugación mantém-se aínda hoje no galego (*cinxir* ~ *cinguir*, por exemplo), pelo que, pela complexidade da súa trajetória histórica, non foram incluídas as respetivas formas verbais. Cf. Ferreira (1999: § 192b e 58b).

31 Apesar de essa tendencia ter sido desde cedo refreada, o mesmo aconteceu com o nome próprio *Jorje* (1478 MA 122; 1478 MA 123; 1479 MA 124). Exceccionalmente, regista-se a grafía *gu*: *Jorgue* (1462 Alj 115, 2 v.).

2.5. Grafemas que representan as fricativas labiodentais surda e sonora³²

A fricativa lábio-dental surda surge representada quer pelo grafema simples *f*, quer pelo grafema composto *ff*, tanto em posición inicial como no interior de palabra, non havendo qualquer relación com a procedencia etimolóxica das palabras. Estatisticamente, a primeira variante está bastante máis representada, como se pode verificar polo gráfico seguinte:

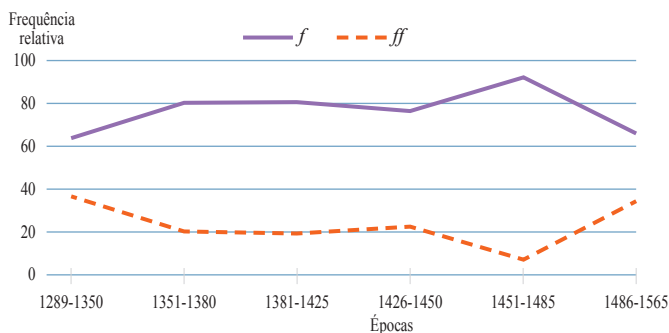


Figura nº 4 – Evolución das tendencias no uso das grafías *f* e *ff*

Mais unha vez, o período comprendido entre 1451 e 1485 revela unha descida dos valores de *ff* e correlata subida de *f*, sugerindo un esforzo de selección de variantes gráficas no *scriptorium* alcobacense, durante ese período. A partir dos últimos anos do século XV, a grafía *ff* tendería de novo a ascender. Merecem ser destacados os documentos que presentan os valores máis elevados de *ff* e que son, na generalidade dos casos (e en todas as épocas), oriundos das zonas máis periféricas. Os documentos redigidos no couto de Alvorninha (particularmente o de 1450) atingem o tope desses valores, que teñen tendencia a aumentar (e a tornar-se exclusivos) no século XVI³³, como se pode verificar no gráfico seguinte:

32 O grafema *v* por *u*, eventualmente como ultra-corrección, surge apenas unha vez en todo o *corpus*: *vnjuerfidade* (1379 Alc 51), polo que non julgámos pertinente individualizar este aspecto numa sección propia.

33 Segundo E. Williams, «the use of intervocalic *ff* for *f*(...) may have been adopted in order to indicate unmistakably the sound of *f*, inasmuch as Latin intervocalic short *f* had become *v* in Portuguese and was probably pronounced *v* in the latin of the time». Quanto a *ff* inicial ou em posición interior, em sílaba enterrada, «this use may have developed in imitation of the use of *ff* in the intervocalic position» (1962: § 30).

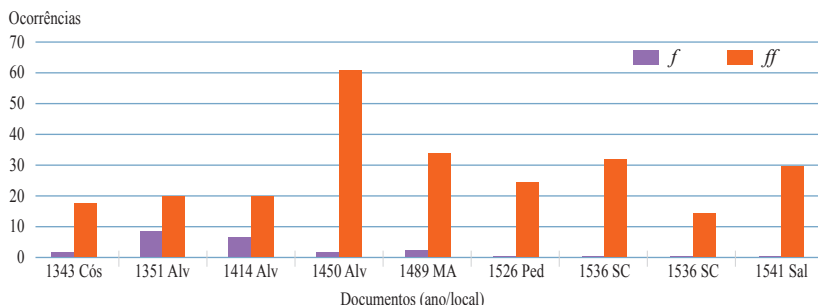


Figura nº 5 – Amostra representativa das maiores assimetrias no uso de *f* e *ff*

Um aspeto que merece referência diz respeito à apresentação gráfica das formas historicamente representantes de *PROFECTU* e derivados, uma vez que a sua configuração latinizante dominou uma etapa importante da história da língua, que foi o reinado de D. João I. Vejamos, por isso, a sua evolução, em termos percentuais, ao longo dos tempos:

Cronologias	(a)pro(f)feitar (e variantes)	aproueitar (e variantes)
1289-1380	41%	59%
1381-1425	97%	3%
1426-1450	14%	86%
1451-1565	3%	97%

Tabela nº 6 – Evolução das tendências na representação gráfica da forma (a)proveitar (e derivados)

Quanto aos dois grafemas usados na transcrição do fonema fricativo lábio-dental sonoro³⁴, *u* é bastante mais frequente que *v*, embora este último se encontre desde o século XIII, chegando a atingir, já na primeira metade do século XIV, valores superiores aos de *u*, em alguns documentos³⁵. Saliente-se que *v* surge, normalmente, em posição inicial (< U-), mas quer nessa posição, quer em posição intervocálica (com outras procedências), só se começa a generalizar a partir da segunda metade do século XV. A seguir, apresenta-se (à esquerda) a distribuição de *u* e *v* por tendências epocais, e (à direita) os valores de *v* em posição inicial e em interior de palavra, apenas nos documentos em que esse grafema aparece nos dois contextos, ou seja, em 28% dos documentos do nosso corpus:

34 A propósito da neutralização da oposição fonológica *b/v*, consulte-se Lorenzo 1975: XXX e 1987: 443; Ferreira 1999: 110-111 e Carvalho 2011: 146-149. Veja-se, também, sobre o uso dos grafemas , <u> e <v> em textos do galego médio, Mariño Paz 1997: 5-69.

35 Ilustram essa situação os documentos 1343 AM 31, 1355 Cel 40, 1366 MA 46, 1396 Ped 62 e 1397 MA 63.

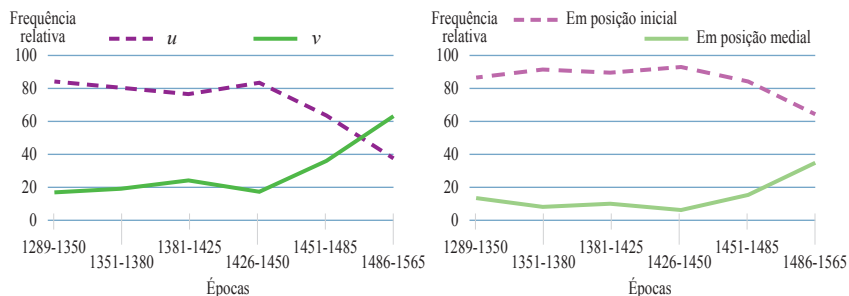


Figura nº 6 – Evolución das tendencias na representación da fricativa lábio-dental sonora (à esquerda) e frecuencia de *v* em contexto inicial e medial, nos documentos em que se regista essa distribución (à direita).

O primeiro documento que apresenta *v* em posición medial foi escrito em Alvorninha, no 2º quartel do século XIV (1328 Alv 20), mas trata-se apenas de una ocorrência que convive con 5 que exhiben *v* em posición inicial. Por outro lado, só num documento de 1490 (1490 MA 131) *v* em posición medial iría ultrapasar, pola primeira vez, a frecuencia do mesmo grafema em posición inicial.

2.6 Grafemas que representan as consoantes nasais

Em posición intervocálica, a nasal bilabial /m/ é, tal como em *História do Galego-Português*, muitas veces representada por *mm*, constituindo frecuentemente esta grafía o resultado de desenvolvemento de abreviatura: *co[m]me* (1338 Alv 28), *co[m]mo* (1340 Ped 29), *coftu[m]me* (1346 SC 34), *no[m]me* (1392 MA 60), *Go[m]mez* (1460 MA 112), *cuftu[m]me* (1434 SC 91), etc. Em inicio de palabra, aparece *m* de modo invariábel.

Na transcripción da nasal alveolar /n/ aparecen os grafemas *n* e *nn*³⁶. Em posición inicial, ocorre apenas *n*; em posición intervocálica pode surgir o grafema *nn*, normalmente em palabras que representan étimos latinos com -NN-:

Annes (1489 MA 130; 1500 MA 136, etc), *anno* (1362 MA 44; 1412 Ped 74; 1459 MA 111, 7 v.; 1460 MA 112, 3 v.; 1465 MA 116, 5 v.; 1491 Alj 133, 3 v.), *annos* (1391 MA 59; 1413 MA 75; 1430 Cós 89, 2 v.; 1459 MA 111, 5 v.; 1460 MA 112; 1489 MA 130; 1522 MA 144), etc.

36 Esporadicamente, surge nesta colección a grafía *nh*, que Maia entende como una representación gráfica de /n/. Repare-se nas seguintes grafías, que sobrevivem até à segunda metade do século XV (mais tardiamente nos documentos publicados por aquela autora): *detjrmjnhado* (1434 SC 91), *hordjnhairo* (1402 Ped 68), *hordjnhamos* (1379 Alc 51), *ordinhamos* (1291 Alc 3; 1328 Alj 21), *ordinhayros* (1379 Alc 51), *ordjnhayro* (1379 Alc 51) e *ordinhayros* (1379 Alc 51).

A grafia *nm* é, por vezes, resultante da abreviatura *ñ*, como em *da[n]nos* (1453 MA 107), *dap[n]nos* (1362 MA 44; 1397 MA 63), *dop[n]na* (1450 Alv 104), *pe[n]na* (1453 MA 107; 1478 MA 123), etc. Em palavras que representam étimos latinos com *gn* aparecem também algumas formas com conservação (pelo menos gráfica) do grupo, não ultrapassando a sexta década do século XV³⁷:

signal (1385 MA 54; 1412 Ped 74; 1415 Ped 77), *sjgnal* (1386 MA 55; 1405 MA 70), *fign[a]ll* (1399 MA 65), *signal* (1299 Alc 7; 1307 Alp 13; 1426 MA 85; 1459 MA 111; 1460 MA 112), *ffsignal* (1305 Alp 11), *fjygnjal* (1343 Cós 32) e *fjygnal* (1346 SC 34; 1388 MA 57).

Não possuímos, contudo, dados que nos permitam esclarecer se se trata de grafias latinizantes ou de cultismos com conservação do grupo.

No que se refere aos grafemas que representam a nasal palatal (/ɲ/), *nh* é a grafia generalizada ao longo desta coleção de documentos, encontrando-se atestada desde 1289, data do primeiro documento transcrito. Só excepcionalmente se encontra a grafia *n* num documento de 1291: *linagẽ* (1291 Alc 2). Vejamos os exemplos recolhidos de *nh* nos documentos do século XIII:

Documentos	Formas com <i>nh</i>	Formas com síncope de -N- ³⁸
1289 MA 1	<i>uinha</i>	<i>almuyã; almuÿa; uia</i>
1291 Alc 2	<i>conhofcam; Bordinheira; cõuenhauel; penhorar</i>	<i>uño; lio</i>
1291 Alc 3	<i>conhofcam; ordinhamos³⁹; penhoredef</i>	<i>uño (2 v.); testemũho</i>
1297 Cós 4	<i>tenha</i>	<i>testemõio; Jũyo</i>
1297 Alc 5	<i>enpenhorar; tenhadef</i>	<i>camõ; testemõio</i>
1298 Alc 6	<i>co[n]nhofcã</i>	<i>açeÿas; ordiamẽto; testemõyo</i>
1299 Alc 7	<i>conhofcam</i>	<i>testemũyo</i>

Tabela nº 7 – Ocorrências da grafia *nh* nos documentos do século XIII

37 O mesmo se pode dizer das formas *rreg[n]os* (1399 MA 65), *rregno* (1430 Cós 89), *rreg[os]* (1442 SM 97) e *rregno* (1465 MA 116), que não ultrapassam igualmente a década de sessenta do século XV. Tendo em conta que a sua difusão se regista sobretudo em textos contemporâneos da empresa político-cultural dos Infantes de Avis, é possível que se trate de verdadeiros cultismos, correspondendo a formas reais, tal como aconteceu no castelhano antigo.

38 Poderá tratar-se de formas que revelam a síncope de -N- no grupo -NI- ou de formas com nasal palatal abreviada. Nesta tabela, importa-nos enfatizar as primeiras abonações inequívocas (apenas do século XIII, portanto) que revelam o desenvolvimento de palatal. Problematicámos esta questão quando estudámos o resultado da síncope de -N- e -L- intervocálicos (Carvalho 2016b: 21 e segs.).

39 A forma *ordinhamos* poderá revelar já o desenvolvimento de nasal palatal anti-hiática, uma vez que a forma intermédia (com síncope de -N-) deverá ter sido *ordiamos*, à semelhança da que ocorre no documento 1298 Alc 6: *ordiamẽto*. É, contudo, possível que <nh> possa representar /n/, uma vez que, como sabemos, a grafia medieval não é uma transcrição fonética.

Vale a pena lembrar que as abonações encontradas por Luís F. Lindley Cintra nas cartas régias (1963: 63-72) provam que grafias como *nh* e *lh* aparecem, em primeiro lugar, na Chancelaria Real de D. Afonso III e só mais tarde, progressivamente, na documentação notarial privada. Assim, relativamente à documentação notarial proveniente da região a sul do Tejo, os exemplos que apresenta mostram a grande difusão da nova grafia a partir da última década do século XIII, mas num conjunto de cartas provenientes de uma zona da Beira situada ao sul do Douro (redigidas no mosteiro de Ferreira de Aves), *n*, *nn* ou *ñ* são as grafias generalizadas para representar esta palatal até cerca de 1290: «Ce n'est que dans des chartes de 1292, 1293 que nous trouvons d'abondants exemples de *lh*, *nh*. Et, là même, l'ancienne graphie *n* subsiste souvent à côté des graphies nouvelles (...)» (Cintra 1963: 69). Segundo o mesmo Autor, a luta entre os dois tipos de grafia faz-se, igualmente, sentir na tradução de *Flores de las leyes* e do *Fuero Real* assim como nos *Foros e Costumes da Guarda* (1273-1282). Por outro lado, num documento redigido em 1350 pelo notário do rei em Monção é *n* que o escriba emprega para representar [n].

Em *História do Galego-Português* a grafia *nh* surge, igualmente, mas apenas em documentos da província de Pontevedra (em zona não muito distante de Portugal), de finais do século XIII e primeiros anos do século XIV, e em convívio com *n* e *ñ*. Referindo-se à situação da Galiza, Clarinda de Azevedo Maia crê que

não pode considerar-se esse grafema como um elemento integrado no sistema de grafemas que representavam a nasal palatal: o carácter relativamente esporádico da sua ocorrência leva, antes, a interpretá-lo como um elemento adventício que alguns escribas, por circunstâncias especiais – naturalidade, local de residência, contacto com textos escritos em Portugal –, usaram na grafia de alguns documentos (1997²: 491-492).

Diferente é, contudo, a situação dos documentos portugueses da mesma coleção onde, desde 1281, surge a nova grafia, numa frequência superior aos restantes processos de representação (*n*, *ñ* e *nn*) (Maia 1997²: 488-490).

Ocasionalmente, em documentos do século XV oriundos dos coutos de Alcobaça, registam-se formas como *asynhey* (1412 Ped 74; 1415 Ped 77, 2 v.) e *ffinhall* (1428 Alj 86), deixando em aberto a dúvida sobre o valor fónico do grafema composto *nh*, neste tipo de formas: corresponderia à representação do fonema nasal alveolar /n/ ou, também nestas, existiu o fonema nasal palatal⁴⁰?

40 Segundo Luís F. Lindley Cintra, grafias do tipo *asnh* por *asno*, *almedinha* por *Almedina*, *enno* por *enno*, etc. são explicadas como consequência da hesitação inicial no emprego da nova grafia *nh*, numa carta de 1269 (1963, 64). Surpreende, contudo, que a mesma grafia nas formas por nós apresentadas possam ter a mesma explicação, uma vez que a adoção de *nh* no *scriptorium* de Alcobaça foi praticamente total, desde, pelo menos, a década de oitenta do século XIII, e os documentos em causa são do século XV.

Por fim, importa salientar que, na etapa mais antiga da língua, são comuns formas do tipo *estrãhos*, *sehor*, *pôha*, *côpôhamos*, *testemôyo*, *testemoño*, *testemoño*, etc. A questão que se coloca é saber até que ponto o sinal sobreposto corresponde a um verdadeiro til de nasalidade ou a um sinal de abreviatura de <n> (/ɲ/). Tendo em conta que formas desse tipo não se documentam em textos posteriores a meados do século XIV, parece-nos que deverá tratar-se de formas reais vivas em que -N- se sincopou no grupo -NĪ-, provocando um hiato⁴¹.

2.7 Grafemas que representam as consoantes laterais

Na representação da lateral alveolar /l/ surgem os grafemas *l* e *ll*. Em posição inicial de palavra, aparece quase sempre *l*-, sendo os valores de *ll*- muito reduzidos, tornando-se mais frequentes em épocas em que se verifica um maior relaxamento relativamente aos usos gráficos em vigor, particularmente em documentos redigidos nos coutos⁴². Tal como acontece com *ff* em posição inicial, é igualmente nos coutos mais periféricos (e, portanto, rurais) que se registam os valores mais elevados:

lla (1460 MA 113), *llagar* (1450 Alv 104), *llançar* (1436 Alf 93, 2 v.), *lleuaffẽ* (1448 Ped 102), *llogares* (1436 Alf 93), *llogo* (1414 Alv 76, 2 v.; 1436 Alf 93), *llugar* (1436 Alf 93), *llugares* (1436 Alf 93), etc.

Observemos, assim, a distribuição de *ll*- por épocas:

Épocas	Distribuição de <i>ll</i> - / %
1289-1350	0
1351-1380	0
1381-1425	0,6
1426-1450	14
1451-1485	5,6
1486-1565	16,5

Tabela nº 8 – Distribuição de *ll*- por épocas

A figura seguinte ilustra a distribuição de *l* e *ll* nos documentos em que se regista uma maior assimetria no uso dos dois processos gráficos:

41 Veja-se, sobre a síncope de N no grupo -NĪ-, Carvalho 2016b: 23 e segs.

42 Segundo Williams, «this use may indicate a longer sound than modern initial l; it is possible that this long sound saved initial l from falling when the word in which it stood was joined in close syntactical union with a preceding word ending in a vowel» (1962 § 30).

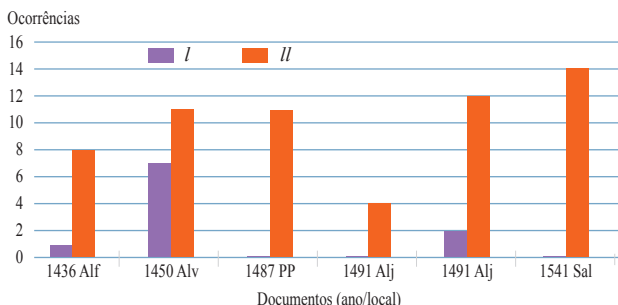


Figura nº 7 – Amostra representativa das maiores assimetrias no uso de *l-* e *ll-* (em posição inicial)

Em posição intervocálica, ou seja, em início de sílaba interior precedida de sílaba aberta, *l* é a representação mais frequente da lateral alveolar, mas surge igualmente *ll* em palavras que representam étimos latinos (ou, com outra proveniência, integrados no vocabulário latino) com *-LL-*:

allegar (1337 Alc 27), *castello* (1391 MA 59), *cebollas* (1489 MA 130), *çellarreiro* (1529 MA 148), *çellejeros* (1448 Ped 102), *dellas* (1397 MA 63, 3 v.), *delles* (1340 Ped 29; 1443 Alf 99), *dello* (1440 MA 96), *elle* (1459 MA 110, 6 v.; 1515 SM 141, 2 v.), *ello* (1402 MA 67), *ljbello* (1430 Cós 89, 3 v.), *pella* (1392 MA 60; 1541 Sal 152, 8 v.), *polloσ* (1467 Mai 117), *tabelliö* (1307 Alp 13), *uilla* (1375 MA 48), *villa* (1396 Ped 62, 6 v.), etc.

Contudo, o mesmo grafema composto começa a aparecer em formas em que não existe qualquer justificação etimológica:

amtrellynha (1541 Sal 152), *apostollos* (1491 Alj 133), *apostollyco* (1491 Alj 133), *çedolla* (1536 SC 150, 6 v.), *claffullaσ* (1478 MA 123; 1484 MA 126), *clafulla* (1430 Cós 89), *clafullas* (1408 MA 71, 2 v.), *clafullaσ* (1478 MA 122, 2 v.; 1479 MA 124, 3 v.), *claufullas* (1405 MA 70, 2 v.; 1428 MA 87; 1479 MA 124), *crauffullas* (1450 Alv 104), *dyllatar* (1433 Ped 90), *malliçya* (1415 Ped 77), *priuyllergyö* (1433 Ped 90), *fmollas* (1399 MA 65), *tytullo* (1430 Cós 89), *ualle* (1356 MA 41), *ualledeira* (1388 MA 60), *ualler* (1429 MA 88), *uallor* (1442 MA 98), etc.

A flutuação entre os dois tipos de formas no mesmo texto, particularmente acentuada a partir de meados do século XIV, pode denunciar o começo da perda da consciência etimológica:

baçello (2 v.) ~ *baçelo* (6 v.) (1380 Alv 52), *bacello* ~ *bacelo* (1356 MA 41), *ballea* (5 v.) ~ *balea(s)* (4 v.) (1352 Ped 38), *courella* ~ *courela* (2 v.) (1377

Alv 50), *crelygo* ~ *crellygo* (1450 Alv 104), *dele* ~ *delles* (1529 MA 148), *ella* ~ *ela* (1352 Ped 38), *elle* ~ *ele* (1452 MA 106), *ello* ~ *elo* (1452 MA 106), *Marujlla* ~ *Marujla* (1429 MA 88), *tabalið* ~ *taballið* (1326 MA 19), etc.

Em final de sílaba⁴³ – interior ou final – a lateral é habitualmente representada por *l*, mas a partir de 1425 *ll* começa a desenhar uma linha ascendente cujos valores percentuais ultrapassam *l* a partir de 1450, tornando-se estáveis a partir daí. Vejamos as tendências evolutivas das duas variantes gráficas:

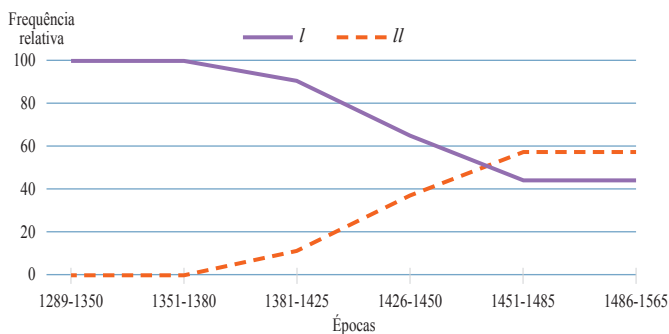


Figura nº 8 – Evolução das tendências de *l* e *ll* a entrar sílaba ou palavra.

Se, como afirma E. Williams, «final *ll* and *ll* before a consonant (...) indicates the velar sound [ɣ] which *l* still has in these positions today» (1962: § 30)⁴⁴, podemos concluir que essa pronúncia velarizada começou a difundir-se já nos finais do século XIV.

O modo de representação da lateral palatal⁴⁵ é, geralmente, *lh*. Esporadicamente, encontram-se dois casos de *ll* para a representar (processo gráfico muito usado nos textos da Galiza, assim como em textos castelhanos e leoneses) (Maia 1997²: 498-499), um deles situando-se em finais do século XIV, o outro na segunda metade do século seguinte: *coellos* (1392 MA 60) e *emalleados* (1459 MA 111). Pelo contrário, a grafia *l* é mais antiga, registando-se, excepcionalmente, num

43 Reproduzimos aqui o gráfico e, de forma resumida, o que apresentámos, a esse propósito, ao XXX Encontro Nacional da APL (Porto, 2014). Consulte-se Carvalho 2016a: 130.

44 Não precisando a cronologia dessa pronúncia, Joseph Huber afirma que “O *l* final, tal como o *l* antes de qualquer consoante, deve ter sido, já na época arcaica, um “*l* guturalizado”, um “*l* cavo” ou “*l* dorsal” (...). É o que parece indicar a grafia muito frequente *ll* para o *l* simples; deste modo, a pronúncia gutural do *l* nesta posição estaria atestada pelo menos desde o séc. XIV: *estavell, abryll, Portugall* (...)” (1986: 141).

45 A cronologia da difusão de *lh* no *scriptorium* alcobacense é paralela à de *nh*.

documento do início do século XIV: *Carualal* (1313 Tur 14). Recordamos que nos documentos da área galego-portuguesa, a grafia *lh* é a mais difundida nos documentos portugueses⁴⁶, não existindo vestígios da nova grafia importada nos documentos galegos.

2.8. Grafemas que representam as vibrantes simples e múltipla

Ao contrário do que se regista em *HGP*, em posição inicial predomina nesta coleção a grafia *rr-* (que, em muitos casos, é a transcrição de *R-* maiúsculo), como se pode verificar pelos valores expostos na tabela seguinte:

Épocas	Distribuição de <i>rr-</i> / %
1289-1350	54
1351-1380	88
1381-1425	85
1426-1450	99
1451-1485	93
1486-1565	87

Tabela nº 9 – Evolução das tendências no uso de *rr* em posição inicial

Em posição intervocálica, nem sempre há uma perfeita distinção gráfica, ou seja, a partir de certa altura avultam os exemplos de /r/ representado por *rr*, e de /R/ representado por *r*⁴⁷. Esse tipo de flutuações verifica-se ao longo do nosso *corpus*, dando lugar à coexistência das duas variantes gráficas no mesmo documento:

Aljumarota (3 v.) ~ *Aljumarrota* (1336 Alj 26), *dyrreyto* ~ *dyreyto* (1541 Sal 152), *arôpades* ~ *arrôper* (1375 MA 48), *corroas* ~ *coroas* (3 v.) (1433 SC 91), *cural* ~ *currall* (1453 MA 107), *darredes* ~ *daredes* (1392 MA 60), *declarrado* ~ *declarado* (1479 MA 124), *forra* ~ *fora* (1462 Alj 115), *marrido* ~ *marido* (1448 Alj 103), *ora* (2 v.) ~ *orra* (1350 AM 36), *parrede* ~ *parede* (1484 MA 126), *rregedorres* ~ *rregedores* (1495 MA 134), *femeadurra* ~ *femeadura* (1372 MA 47), etc.

Em posição interior precedida de sílaba entravada, a vibrante múltipla é em algumas formas representada por *rr*:

46 Em *História do Galego-Português*, as grafias *ll* e *l* também foram encontradas (Maia 1997: 498-500).

47 O documento 1500 MA 136 é o que apresenta maior percentagem de *rr* em vez de *r* (68%). O fenómeno inverso, ou seja, *r* por *rr* atinge 100% dos contextos no documento 1448 Alj 103.

Anrriqe (1346 Tur 35), *honrrad[oa]* (1478 MA 123), *honrrado* (1467 Mai 117; 1436 Alf93), *honrrados* (1460 MA 112), *honrras* (1405 MA 70), *genrro*⁴⁸ (1428 MA 87), *Mõpallrreu* (1478 MA 122), *onrrado* (1448 Ped 102), etc.

O mesmo tipo de grafia ocorre ocasionalmente quando a entrarvar sílaba, não no século XIII (como em *História do Galego-Português*), mas nos séculos seguintes: *corrte* (1472 TC 120), *derr* (1372 MA 47), etc. Encontramos igualmente geminação gráfica quando a vibrante faz parte de grupo consonântico em que a primeira consoante é, normalmente, oclusiva:

agrraua (1491 Alj 133), *agrrauo* (1491 Alj 133), *amtrr* (1527 MA 146), *contrra* (1491 Alj 133), *frreira* (1478 MA 122), *ffrrujtos* (1491 Alj 133), *grrãde* (1491 Alj 133), *moſſirrades* (1491 Alj 133), *Novêbrro* (1500 MA 136), *outrrê* (1366 MA 46), *pobrrres* (1366 MA 46), *trres* (1489 MA 130, 2 v.), *trres* (1528 MA 147), *trreσ* (1467 Mai 117, 2 v.; 1485 MA 128), etc.

3. Conclusões

Em termos gerais, pode dizer-se que o polimorfismo gráfico observado em documentos da primitiva região galego-portuguesa (Maia 1997²) se verifica, embora de modo menos acentuado, nos documentos oriundos da zona Centro-meridional, não sendo possível aceitar “cortes” na geografia das tradições gráficas e linguísticas nesta área do Ocidente peninsular, em época medieval. Ressalvam-se as inovações gráficas *nh* e *lh*, grafemas desconhecidos em outras regiões hispânicas: tendo em conta que a sua introdução na grafia portuguesa é considerada um reflexo da influência provençal sobre a cultura portuguesa da época, a situação gráfica descrita é manifestamente inovadora, se a compararmos com a que apresentam os documentos provenientes da primitiva região galego-portuguesa relativamente coevos. A presença, praticamente exclusiva, de *nh* e *lh* na coleção analisada é uma particularidade que atesta a vulnerabilidade precoce do cartório conventual de Alcobaca à influência da cultura transpirenaica (através da documentação emanada da Chancelaria Real) e que deverá ser considerada “fronteira gráfica” entre o português e o galego, permitindo, assim, reconhecer, embora não de modo absoluto, um texto português medieval.

Como foi demonstrado, os desvios mais acentuados relativamente aos hábitos gráficos dominantes registam-se, normalmente, em documentos provenientes dos coutos, zonas rurais e periféricas ao mosteiro (Aljubarrota e Alvorninha, mais especificamente). Apesar disso, e curiosamente, o nosso *corpus* apresenta

48 No mesmo documento regista-se *genro*.

um exemplo de representação por <dg> da africada pré-palatal sonora /dʒ/ num documento de finais do século XIV, redigido no mosteiro: *dgeeral* (1386 MA 55). Foi usada pelo tabelião «Gonçalo fteuêez, tabeliõ dgeeral ã o dicto môm. 7 couto del» e evidencia a manutenção de uma pronúncia africada ainda em finais de Trezentos, por um tabelião que, em princípio, estaria mais sujeito a modelos gráficos rígidos do que os que exerciam a sua atividade em zonas mais periféricas.

Infelizmente, chegaram-nos em reduzido número os documentos lavrados nas localidades dos coutos, mas não pode escamotear-se, sob o pretexto do que se encontra nas fontes, a realidade daquilo que seriam os hábitos gráficos locais ou regionais exibidos pelos tabeliões menos sujeitos ao efeito nivelador do processo de *standardização*.

Referências bibliográficas

- Barbosa, Jorge Manuel (1958). *Crónica de Castela (ms. 8817 da Biblioteca Nacional de Madrid). Elementos para o estudo linguístico. Texto (Fernando I – Afonso VI). Volume I (Introdução e Elementos para o Estudo Linguístico). Vol II (Texto). Vol. III (Glossário). Dissertação de licenciatura em Filologia Românica. Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras (inédita).*
- Cardeira, Esperança (2003). “Alguns dados sobre o sistema de sibilantes do português”, em Ivo Castro e Inês Duarte (Orgs.), *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. I, 129-145.
- Carvalho, Maria José (1996). *Do Português arcaico ao Português moderno: contributos para uma nova proposta de periodização*. Dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa elaborada no âmbito do Programa *Praxis XXI* e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [inédita].
- Carvalho, Maria José (2006). *Documentação medieval do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (sécs. XIII-XVI). Edição e estudo linguístico*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra (Parcialmente inédita).
- Carvalho, Maria José (2011). “Duas inovações consonânticas num corpus medieval: simplificação do sistema de quatro sibilantes e neutralização da oposição fonológica /b/ ~ /v/”, em Costa, Armanda, Falé, Isabel & Barbosa, Pilar (Eds.), *Textos seleccionados, XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (24-26 de outubro de 2010)*, 140-152. Lisboa: APL. <https://docplayer.com.br/347379-Duas-inovacoes-consonanticas-num-corpus-medieval-simplificacao-do-sistema-de-quatro-sibilantes-1-e-neutralizacao-da-oposicao-fonologica-b-v.html>. Acesso em 16 de dezembro de 2018.

- Carvalho, Maria José (2016a). “Dialetoлогия e história da língua: sobre a génese e condicionamento de alguns traços das atuais variedades do Português”, *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1, 1: 127-142. <http://ojs.letras.up.pt/index.php/APL/article/view/1588/1411>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.
- Carvalho, Maria José (2016b). “Síncope de -N- e -L intervocálicos no (galego)-português medieval: resultados e cronologias”, *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, 43, 1 - 46. doi: 10.15304/verba.43. <http://www.usc.es/revistas/index.php/verba/article/view/2074/3822>. Acesso a 18 de dezembro de 2018.
- Carvalho, Maria José (2017). *Documentação medieval do mosteiro de Santa Maria de Alcobaca. Edição, com introdução e notas de aparato crítico* (= Anexo 74 de *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*). Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico. <http://www.usc.es/libros/index.php/spic/catalog/book/9519>. Acesso a 18 de dezembro de 2018.
- Carvalho, Maria José (2018). “Na ausência de *ortografía*: representação grafemática dos sons vocálicos no *scriptorium* alcobacense”, em Ana Paula Pinto, Maria José Lopes, António Melo, João Carlos Onofre Pinto, Álvaro Balsas (Eds.), *Verba volant? Oralidade, escrita e memória*. Braga: Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia, p. 159-182.
- Catach, Nina (1986). “The grapheme: its position and its degree of autonomy with respect to the system of the language”. Em Gerhard Augst (ed.), *New Trends in Graphemics and Orthography*, 1-10. Berlin / New York: Walter de Gruyter.
- Cintra, Luís F. Lindley (1963). “Observations sur l’ortographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIII^e siècle”. Em *Apport des anciens textes romans non littéraires à la connaissance de la langue du Moyen Âge*. Colloque organisé par le Centre de Philologie Romane de Strasbourg, du 30 Janvier au 4 Février 1961. Extrait de la *Revue de Linguistique Romane*, 27.
- Cunha, Celso (1985). *Significância e movência na poesia trovadoresca. Questões de crítica textual*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Eberenz, Rolf (1991). “Castellano “antiguo” y español “moderno”: reflexiones sobre la periodización en la historia de la lengua”, *Revista de Filología Española*, 71/1-2, 79-106. <http://xn--revistadefilologiaespaola-uoc.revistas.csic.es/index.php/rfe/article/view/652/730>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.
- Elia, Sílvio (1981). “A pronúncia quinhentista do português”. Em Gaetano Macchiaroli (ed.), *XIV Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza (Napoli, 15-20 Aprile 1974)*. Atti, vol. V, 197-209. Amsterdam: John Benjamins B. V.
- Ferreiro, Manuel (1999⁴). *Gramática histórica galega. I. Fonética e Morfosintaxe*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.
- Ferreira, José de Azevedo (1980). *Alphonse X, Primeyra Partida. Édition et étude*. Braga: Publicações do Instituto de Investigação Científica.

- Huber, Joseph (1986). *Gramática do Português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Labov, William (1994). *Principles of Linguistic Change*. Vol. I: *Internal Factors*. Oxford & Cambridge: Blackwell Publishers.
- Lorenzo, Ramón (1975 / 1977). *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla. Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario*. Vol I (Introducción, Texto anotado, índice onomástico) e Vol. II (Glosario). Instituto de Estudios Orensanos “Padre Feijoo”.
- Lorenzo, Ramón (1987). “Algunhas consideracións sobre a *História do Galego-Portugués de Clarinda de Azevedo Maia*”, *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, 14, 441-488. <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/4884>.
- Lorenzo, Ramón (2013). “Aedición da colección documental do mosteiro de Montederramo (Ourense)”, *Estudis Romànics*, vol. 35, p. 415-426. (DOI: 10.2436/20.2500.01.135. https://publicacions.iec.cat/repository/pdf/00000_197%5C00000007.pdf. Acesso em 13 de dezembro de 2018.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1997²). *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII até ao século XVI (Com referência à situação do Galego moderno)*. Lisboa: FCG-FCT. [Terceira edição disponível on-line, pela Imprensa da Universidade de Coimbra: https://digitalis.uc.pt/files/previews/116595_preview.pdf]. Acesso em 25 de junho de 2018.
- Mariño Paz, Ramón (1997). “Sobre o uso dos grafemas , <u> e <v> em textos do galego medio”, em *Cadernos de Língua*, 15, 5-69. <https://academia.gal/documents/10157/4a5052f0-cc31-4b41-ab2d-066b582e75e1>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.
- Martins, Ana Maria (2007). “O primeiro século do Português escrito”. Em Ana Boullón Agrelo (Ed.), *Na Nosa Lingoage Galega. A Emerxencia do Galego como Língua Escrita na Idade Media*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega & Instituto da Língua Galega, p. 161-184. http://consellodacultura.gal/mediateca/extras/CCG_2007_Na-nosa-lyngoage-galega-A-emerxencia-do-galego-como-lingua-escrita-na-Idade-Media.pdf. Acesso em 16 de dezembro de 2018.
- Pinto, Adelina Angélica (1980/1981). “A africada /ç/ em português: estudo sincrónico e diacrónico”, *Boletim de Filologia*, 26, 139-192.
- Souto Cabo, José António (2008). *Documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII* (= *Revista Galega de Filoloxía*, Monografía 5). A Coruña: Universidade de A Coruña, Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística. http://illa.udc.es/rgf/pdf/mon_5.pdf. Acesso em 18 de dezembro de 2018.
- Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega (TMILG)* [= Varela Barreiro, Xavier (Coord., 2004-)]. <https://ilg.usc.es/tmilg>. Acesso em 20 de dezembro de 2018.

Williams, Edwin B. (1962). *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Second Edition. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.